

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

anais do 7º seminário do_co_mo_brasil

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

Preservação de edifícios residenciais modernos no Rio de Janeiro

COELHO, Carla Maria Teixeira.

Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Arquiteta do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz.

Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro. CEP: 21040-360

Tel/fax.: 21 2598-4493 / 2598-4432

carlacoelho@coc.fiocruz.br

Preservação de edifícios residenciais modernos no Rio de Janeiro

Resumo

Os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs), realizados a partir de 1928, buscaram consolidar uma nova abordagem para o planejamento das cidades, cujo ponto de partida era a unidade habitacional. O tema da habitação coletiva foi o foco principal da produção dos arquitetos e urbanistas durante o Movimento Moderno e os edifícios de habitação coletiva tornaram-se, no século XX, um dos elementos mais representativos na formação da paisagem dos centros urbanos.

Com o crescente debate sobre a preservação do legado do Movimento Moderno, muitos edifícios de habitação coletiva modernos vêm sendo reconhecidos, em diversos países do mundo, como patrimônio a ser preservado. No Brasil, em geral esse tipo de edifício tem sido tombado em nível regional, sendo os edifícios do Conjunto Residencial Parque Guinle, projetados por Lucio Costa na década de 1940, os únicos exemplares tombados em âmbito federal.

Apesar da importância do reconhecimento desses e outros edifícios como bens culturais a serem perpetuados, sua preservação esbarra em um grande dilema: a necessidade de renovação e adaptação desses edifícios às constantes mudanças dos padrões de vida de seus moradores. Por tratarem-se de edifícios que abrigam ao mesmo tempo um grande número de usuários e, conseqüentemente, diferentes formas de morar, a pressão pela constante reciclagem de seus espaços é grande.

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para o debate sobre a preservação de edifícios residenciais do Movimento Moderno, a partir da análise da situação de edifícios habitacionais da cidade do Rio de Janeiro que já se encontram tombados.

Palavras-chave

Preservação, Arquitetura moderna, edifícios residenciais

Conservation of modern residential buildings in Rio de Janeiro

Abstract

The CIAM (International Congresses of Modern Architecture) meetings, which began on 1928, searched for the consolidation of a new approach for city planning, in which the residential unit was the starting point. The collective housing subject was the main focus of architects's and town planners's productions during the Modern Movement, therefore the collective housing buildings became, in the 20TH century, one of the most representative elements of the urban center's landscape formation.

With the increasing debate over the conservation legacy of the Modern Movement, many collective housing buildings are being recognized, in many countries, as cultural heritage to be conserved. In Brazil, in general, this kind of buildings have been listed on regional level, figuring the "Conjunto Residencial Parque Guinle" buildings, designed by Lucio Costa in the 1940's, as the only examples listed on federal sphere.

Despite the importance of the recognition of these buildings, as well as others, as cultural elements to be perpetuated, its conservation comes upon a great dilemma: the need of renovation and adaptation of these buildings to the constant changes in the living standards of its habitants. Due to the fact that these buildings hold at the same time a great number of users and, consequently, different life styles, the pressure for constant recycling of its spaces is urgent.

The present work has the objective of contribute to the debate over the conservation of the Modern Movement's residential buildings, from the analyses of the current situation of the residential buildings, in Rio de Janeiro, that have already been listed.

Key words

Conservation, Modern Architecture, residential buildings

Preservação de edifícios residenciais modernos no Rio de Janeiro

Introdução - Habitação coletiva e a arquitetura moderna

O crescimento da população mundial e sua concentração nos centros urbanos europeus a partir do século XIX, decorrentes da Revolução Industrial, foram responsáveis pelo surgimento de graves problemas habitacionais, gerando a necessidade da criação de programas arquitetônicos que atendessem a essa nova realidade. O tema da habitação coletiva passou, então, a ser um dos focos principais da produção dos arquitetos e urbanistas.

As propostas de habitação coletiva elaboradas a partir das primeiras décadas do século XX pelos arquitetos do Movimento Moderno (tanto de habitação social quanto de edifícios destinados à classe média), baseavam-se na idéia da responsabilidade social do arquiteto (a arquitetura de qualidade deveria estar ao alcance de todos), na racionalização dos processos construtivos, na utilização de materiais representativos da nova realidade industrial e na superação dos métodos de construção artesanais. A produção em série e a padronização significavam a redução dos custos de construção e, conseqüentemente, a possibilidade de execução de um número maior de moradias. As unidades habitacionais deveriam atender às necessidades de conforto – físico e psicológico – de seus moradores. A preocupação com a iluminação e ventilação naturais e o estabelecimento de relações visuais entre o interior e o exterior dos edifícios eram diretrizes fundamentais para a elaboração dos projetos.

Embora a questão habitacional tenha sido encarada de maneira diferente em cada país, os arquitetos do Movimento Moderno buscaram, através dos CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), difundir respostas universais para a questão. As idéias defendidas nos Congressos – cujo documento de maior destaque foi a Carta de Atenas – tiveram repercussão em muitos países, inclusive no Brasil.

Apesar do processo de industrialização ter tomado força no Brasil apenas a partir da década de 1930, desde o final do século XIX o problema habitacional passou a ser uma realidade em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, devido ao aumento da migração. As soluções de moradia coletiva, a princípio rejeitadas pelas classes médias e altas, em poucas décadas passaram a ser o novo padrão habitacional nas grandes cidades.

De maneira geral, podemos destacar também como características principais dos edifícios de habitação coletiva modernos construídos no Brasil a preocupação com o conforto dos usuários e com a relação entre o interior e o exterior dos edifícios; a busca pela racionalização dos sistemas construtivos; e a valorização do espaço público. Entretanto, apesar da influência dos conceitos internacionais do Movimento Moderno, algumas características particulares diferenciam a produção brasileira, como a escassez de produtos industrializados (a maioria dos edifícios foi executada utilizando-se um misto de técnicas construtivas modernas, como o concreto armado, e

materiais tradicionais, como a madeira e a cerâmica); a ligação com a tradição da arquitetura colonial; e o uso criativo de elementos para controle da incidência solar, necessários a um país de clima tropical.

Com o declínio do Movimento Moderno, a produção arquitetônica do período começou a ser sistematicamente historiada, estabelecendo-se um afastamento crítico que tornou possível o reconhecimento de tais edifícios como patrimônio cultural. A partir da década de 1980 debates internacionais e ações sistemáticas para preservação de edifícios modernos começaram a tomar força na Europa. Dentre os edifícios selecionados como bens culturais, muitos são de habitação coletiva, tendo em vista a importância da questão da moradia para o Movimento Moderno. No Brasil, os edifícios do Conjunto Residencial Parque Guinle, projetados por Lucio Costa na década de 1940, são os únicos exemplares de edifícios de habitação coletiva moderna tombados em âmbito federal. Em geral o reconhecimento desses edifícios como bens culturais tem acontecido em âmbito regional, pelos órgãos de preservação dos estados e municípios.

No Rio de Janeiro, encontram-se tombados pela prefeitura, por exemplo, os Apartamentos Proletários da Gamboa; o Conjunto Residencial Mendes de Moraes; e o Conjunto Residencial Marquês de São Vicente.

Apesar dos esforços para o reconhecimento desses edifícios como patrimônio cultural, ainda hoje são raros os exemplares que já passaram por intervenções para sua restauração ou conservação. A necessidade de adaptação dessas edificações aos padrões de vida contemporâneos condiciona modificações nos projetos originais que, quando realizadas de maneira aleatória, danificam permanentemente o tecido histórico do edifício.

Preservação de edifícios residenciais modernos no Rio de Janeiro

Os **Apartamentos Proletários**, projetados por Lucio Costa e Gregori Warchavchick em 1932, encontram-se hoje completamente descaracterizados¹. O conjunto, originalmente composto por 14 unidades habitacionais distribuídas em dois pavimentos, foi livremente modificado pelos moradores ao longo dos anos. A volumetria original foi alterada com a construção de uma série de acréscimos nas unidades habitacionais e a inserção de coberturas com beirais (predominantemente com telhas de fibro-cimento) sobre a cobertura plana original. (Figs. 1,2 e 3). As esquadrias originais foram substituídas por outras de desenho e materiais variados, e as cores originais – verde e havana, que destacavam os diferentes planos das fachadas – foram alteradas, predominando hoje uma pintura bege. Apesar de encontrar-se tombado, não foram encontrados registros sobre projetos de restauração do conjunto.

¹ O conjunto foi tombado em 1986 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Decreto 6057/86).

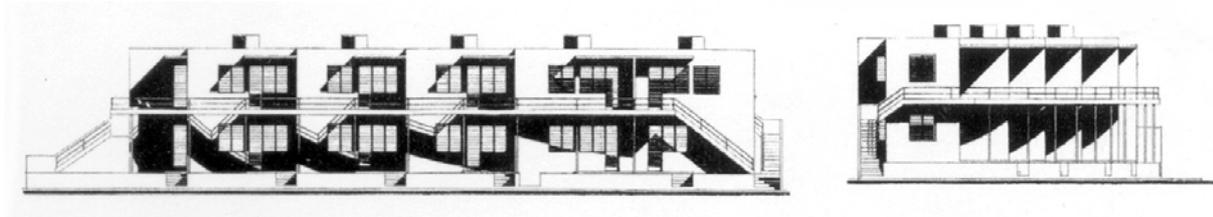


Figura 1 – Projeto original dos Apartamentos Proletários
CAVALCANTI, 2001, p.180



Figura 2– Apartamentos Proletários na década
de 1930
CAVALCANTI, 2001, p.180



Figura 3– Estado atual do conjunto
NAME, 2002, p.5

O **Conjunto Residencial Mendes de Moraes** – ou Pedregulho – foi o projeto de maior destaque do Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal, órgão criado durante a década de 1940, época em que o Rio de Janeiro era ainda capital do país. Projetado por Affonso Eduardo Reidy a partir de 1947, o conjunto possuía 328 unidades habitacionais (originalmente alugadas) destinadas a funcionários do Distrito Federal. O conjunto é formado por três blocos habitacionais² e equipamentos de uso coletivo, como creche, ginásio, escola, playground, centro de saúde e mercado. O edifício de maior destaque é o bloco residencial A, com sete pavimentos e 272 unidades habitacionais, elevado sobre pilotis, cujo desenho sinuoso acompanha o perfil do terreno (Figs. 4 e 5).

² O projeto original previa ainda um quarto bloco residencial com 12 pavimentos e 150 apartamentos, que não foi construído.

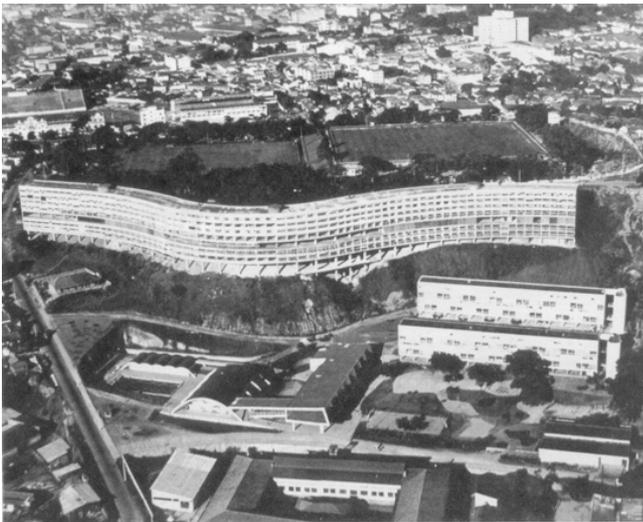


Figura 4 - Vista aérea do Conjunto Pedregulho
SEGAWA, 2002, p.119

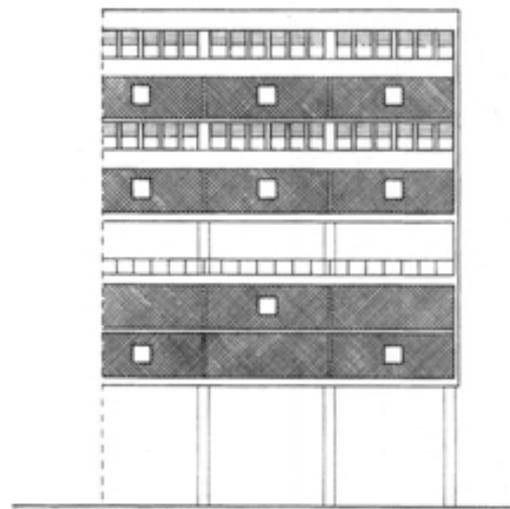


Figura 5 – Trecho do projeto original da fachada
norte – bloco A
MINDLIN, 2000, p.145

Apesar de sua importância para a história da arquitetura brasileira, e de ter sido tombado no final da década de 1980³, o Conjunto hoje se encontra também em precário estado de conservação pela falta de manutenção, e bastante alterado pelas modificações realizadas pelos moradores. As esquadrias originais de madeira foram substituídas por esquadrias de alumínio de desenhos variados; o espaço das varandas foi, em muitos casos, incorporado à área dos apartamentos; os panos de fechamento em cobogó encontram-se em muitos pontos destruídos ou alterados devido à inserção de peças cerâmicas novas que não seguem o desenho original (as peças originais não são mais fabricadas) (Figs. 6 e 7).



Figura 6 – Fachada norte do bloco A em avançado estado de
degradação e descaracterização
<http://ace.caad.ed.ac.uk/Brazil/gallery/>



Figura 7 e 9 – Fachada sul do bloco A
– esquadrias alteradas e modificação
das cores originais
<http://ace.caad.ed.ac.uk/Brazil/gallery/>

³ O conjunto foi tombado também em 1986 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Decreto 6383/86).

Em 1997 foi aberto processo no IPHAN para o tombamento federal, que ainda encontra-se em andamento. Considerando o fato de que o Conjunto é ocupado predominantemente por famílias que não possuem recursos para conservar os edifícios, em 2002 a CEHAB (Companhia Estadual de Habitação) – responsável pela administração dos edifícios desde 1978 – criou o Conselho Pró Restauração do Conjunto Residencial Mendes de Moraes⁴, com o objetivo de conseguir apoio e patrocínio para sua preservação. Em 2004 o Governo do Estado do Rio de Janeiro anunciou a liberação de verbas para realização de obras no edifício, dentro do Programa de requalificação de conjuntos habitacionais⁵.

No **Conjunto Residencial Marquês de São Vicente**, de 1954 (projeto do Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal que foi apenas parcialmente construído), Affonso Eduardo Reidy adotou a mesma tipologia de edifício acompanhando a sinuosidade do terreno, elevado sobre pilotis e com pavimento intermediário aberto.

Em 1979 o Conjunto foi parcialmente modificado com a abertura do túnel que liga a Gávea a São Conrado. Parte da base do edifício foi recortada e algumas unidades habitacionais foram suprimidas (Fig. 10). Apesar das modificações, o edifício encontra-se em condições de conservação externas melhores do que as do Conjunto Mendes de Moraes, mas não foram encontrados registros sobre projetos e intervenções de restauração⁶.



Figura 10 – Conjunto Residencial Marquês de São Vicente após a construção do túnel
<http://ace.caad.ed.ac.uk/Brazil/gallery/>

O **Conjunto Residencial Parque Guinle**, formado pelos edifícios Bristol, Nova Cintra e Caledônia, foi projetado por Lucio Costa durante a década de 1940. O projeto original previa a construção de seis edifícios, mas apenas os três localizados na parte mais baixa do terreno foram construídos.

⁴ O Conselho é composto por membros da CEHAB-RJ, do IPHAN, do INEPAC, da Fundação Leão XIII, da Associação de Moradores do Pedregulho, da Superintendência de Patrimônio da União, do DGPC e pelo arquiteto Alfredo Brito.

⁵ Em junho de 2004 foi aprovado decreto autorizando a liberação de verba para a contratação de projeto arquitetônico de recuperação e restauração do Conjunto. (Decreto nº 35.635 de 03 de junho de 2004). Em 28/12/2005 notícia no site do governo do Estado do Rio de Janeiro afirmava que se encontrava em elaboração um projeto de *reforma* para o Conjunto.

⁶ O conjunto foi tombado em 2001 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Lei 3300/2001).

O amplo terreno e a relativa liberdade de implantação dos edifícios garantiu a Lucio Costa a possibilidade de adoção de alguns dos mais importantes cânones da arquitetura moderna: a construção de blocos lineares com estrutura independente, elevados sobre pilotis, afastados das divisas dos lotes e integrados ao entorno. O projeto de paisagismo, que contribuiu para a integração espacial entre os edifícios e o parque, foi elaborado por Roberto Burle Marx.

Para as fachadas de orientação menos favorável (norte, no caso do edifício Nova Cintra, e oeste nos edifícios Bristol e Caledônia) Lucio Costa criou um sistema de proteção formado por varandas – ou *loggias* – protegidas por elementos variados, como brises, cobogós e treliças. A composição das fachadas é marcada ainda pelo uso da cor: além do avermelhado natural dos elementos cerâmicos, estão presentes ainda o azul, o rosa, o amarelo e o branco.

Os primeiros estudos para o tombamento do conjunto aconteceram em 1983. O tombamento definitivo se deu em 1986, tendo sido o conjunto inscrito no Livro do Tombo de Belas Artes⁷.

A configuração idealizada por Lucio Costa para o Conjunto foi bastante modificada ao longo dos anos. O conjunto de edifícios projetado pelos irmãos Roberto e construídos na parte superior do terreno entre 1954 e 1962 – de implantação contínua e configurado como um volume único – apesar de respeitar parcialmente o projeto urbanístico de Lucio Costa, difere bastante do conjunto inicialmente idealizado pelo arquiteto.

Desde o início de sua ocupação, em meados da década de 1950, os edifícios do Conjunto Residencial Parque Guinle vêm sofrendo constantes modificações. Já em 1958, apenas quatro anos após a conclusão das obras, deu entrada na Prefeitura projeto para modificação da loja localizada no térreo do edifício Nova Cintra. Originalmente, esse espaço havia sido concebido para funcionar como uma confeitaria. Croquis de Lucio Costa, onde aparecem mesas dispostas na área do Parque, revelam sua intenção de transformar esse espaço em área de lazer integrada ao Parque (Fig.11). O projeto de modificação subdividiu a área em três lojas menores. Parte dessa subdivisão permanece até hoje.

⁷ Inscrição 577, processo 1110-T-84.

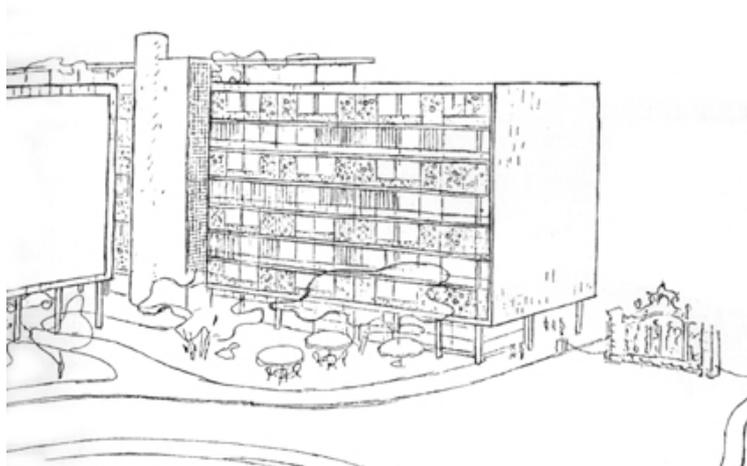


Figura 11 – Croquis de Lucio Costa com mesas da confeitaria dispostas no Parque
COSTA, 1995, p.213

Em 1986, estando os edifícios do Conjunto já em processo de tombamento, foi aprovada a construção de um edifício no terreno contíguo ao edifício Caledônia. Apesar dos protestos da Associação de Moradores de Laranjeiras, que chegou a questionar a aprovação do projeto junto à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, a construção do edifício foi concluída⁸ (Fig. 12).

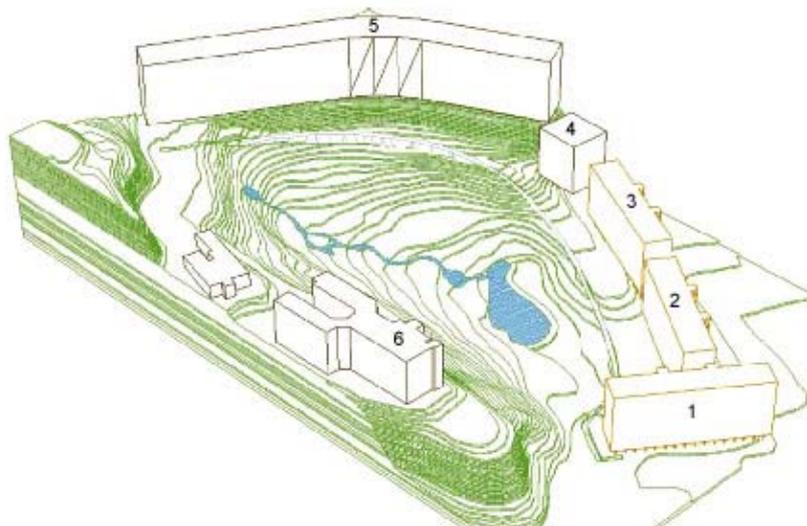


Figura 12 - Perspectiva esquemática da ocupação atual do Parque Guinle.
1 – edifício Nova Cintra; 2 – edifício Bristol; 3 – edifício Caledônia;
4 – edifício construído na década de 1980; 5 – edifícios dos irmãos Roberto; 6 – Palácio Laranjeiras
OGATA, 2004, p.15

Passados mais de cinquenta anos desde a construção do Conjunto Residencial Parque Guinle, os edifícios encontram-se com problemas de conservação decorrentes de dois fatores principais: a ação das intempéries e da manutenção inadequada sobre os materiais construtivos; e as

⁸ O Globo, 27/03/86 “AMAL contra novo prédio no Parque”.

alterações realizadas no tecido histórico dos edifícios pelos moradores, seja para adequar as unidades habitacionais às suas necessidades de conforto e de segurança, seja para expressar sua identidade individual.

Os problemas relativos à degradação dos materiais construtivos dos edifícios Nova Cintra, Bristol e Caledônia são em grande parte acentuados pelas suas características arquitetônicas. As lajes planas impermeabilizadas apresentam problemas de infiltração. A volumetria simples e a ausência de elementos de proteção das fachadas contribuem para a degradação dos materiais de revestimento – placas de arenito, pastilhas cerâmicas e argamassa – diretamente expostos à ação da chuva e da poluição. Da mesma forma, os materiais de fechamento das fachadas – cobogós cerâmicos, brises de fibro-cimento, venezianas de madeira, esquadrias em madeira e vidro – encontram-se mais sujeitos à ação do tempo, por localizarem-se nas faces externas dos volumes dos edifícios.

Dentre as alterações realizadas pelos moradores para adequar seus apartamentos às condições de conforto ambiental podemos destacar a instalação de equipamentos de ar-condicionado e de elementos de proteção contra a insolação, como persianas (nos vãos das fachadas), cortinas (nas esquadrias localizadas entre os compartimentos internos e as *loggias*) e toldos (nos apartamentos de cobertura). Algumas adaptações foram condicionadas por questões de segurança, como a instalação de grades no exterior dos edifícios e nos vãos das fachadas, e o fechamento da portaria do edifício Nova Cintra voltada para a rua Gago Coutinho. Questões relacionadas ao gosto e à expressão individual motivaram também uma série de mudanças nos edifícios, como alterações do desenho das esquadrias, substituição do guarda-corpo da cobertura (no edifício Bristol), modificação dos revestimentos das paredes e pilares das *loggias*. Algumas alterações foram motivadas ainda pelo desejo dos moradores de aumentarem a área útil de seus apartamentos (Figs. 13 a 16). Sendo assim, em alguns casos a área das *loggias* (ou dos terraços, no caso da cobertura) foi incorporada aos compartimentos internos dos apartamentos.

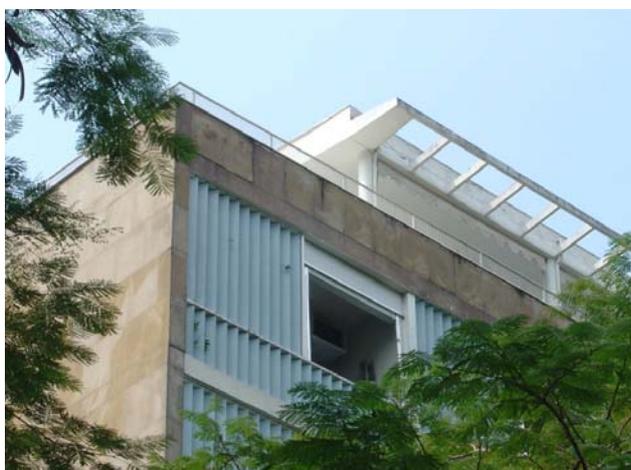


Figura 13– Detalhe original do guarda corpo da cobertura do edifício Bristol
Foto Carla Coelho, 2005

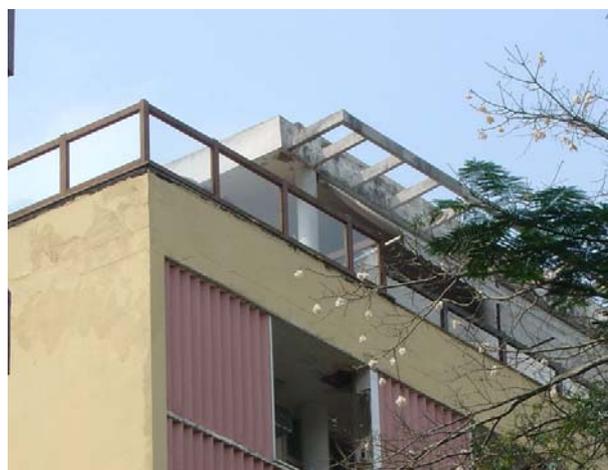


Figura 14– Substituição do guarda corpo original da cobertura do edifício Caledônia
Foto Carla Coelho, 2005



Figura 15 – Modificações nas loggias alteram a noção de permeabilidade - edifício Nova Cintra
Arquivo do IPHAN



Figura 16 – Detalhe do fechamento de vão com esquadria de alumínio
Foto Carla Coelho, 2005

Apesar de várias obras terem sido realizadas nos edifícios desde a década de 1990 com o objetivo de reverter algumas das alterações, ainda hoje muitos problemas são evidentes, e a imagem do Conjunto encontra-se alterada. Por tratarem-se de edifícios de apartamentos, o que se observa é que muitas intervenções realizadas visando a sua conservação tiveram, na verdade, um caráter de manutenção predial. A contratação de firmas de engenharia para execução desses serviços, e não de empresas especializadas em restauração, deixa claro a dificuldade de reconhecimento desses edifícios como monumentos históricos.

A busca pela inter-relação entre espaços internos e externos, um dos principais corolários da arquitetura moderna, foi realizada com grande primazia por Lucio Costa nos edifícios Nova Cintra, Bristol e Caledônia. O térreo vazado conecta espacialmente os blocos ao Parque. A instalação de grades metálicas no térreo dos edifícios Nova Cintra e Bristol, entretanto, alterou a noção original de continuidade espacial e modificou o tecido histórico dos edifícios, contribuindo para a descaracterização do Conjunto (Figs. 17 e 18). Embora em teoria a retirada das grades pareça ser a solução mais indicada para resgatar um dos principais valores do Conjunto, na prática os problemas contemporâneos relacionados à violência urbana tornam essa opção inviável. De qualquer forma, as inserções de novos elementos, se necessários, deveriam ser cuidadosamente estudadas, de forma a minimizar a interferência na conexão visual entre os edifícios e o Parque.

Além de alterar as relações espaciais dos edifícios, a instalação das grades foi responsável ainda por intervenções no tecido histórico do Conjunto. O desenho original dos canteiros do jardim (principalmente na fachada norte do edifício Nova Cintra) foi alterado e os muros em pedra foram recortados em vários trechos para a instalação.



Figura 17– Fachada sul do edifício Nova Cintra na década de 1950
MINDLIN, 2000, p.115



Figura 18 - Grade instalada na fachada sul do edifício Nova Cintra
Foto Carla Coelho, 2004

Os jardins dos edifícios são elementos importantes na relação entre interior e exterior, realizando a transição entre a escala e a linguagem dos edifícios e a do Parque. Sendo assim, o projeto de paisagismo deveria também ser encarado como um elemento a ser preservado. Apesar da grande descaracterização dos jardins, ainda é possível reconhecer alguns traços da concepção original, como os desenhos curvilíneos dos canteiros e a presença de plantas típicas dos projetos de Burle Marx, como *Arecas Bambu* e *Yucas*.

Em relação às fachadas dos blocos voltadas para o Parque, o conjunto de *loggias* protegidas por painéis de elementos vazados funciona como membrana de proteção contra a incidência de raios solares, permitindo, ainda, a conexão visual entre os compartimentos internos e o exterior. As alterações realizadas pelos moradores reduzem gradativamente a noção de transparência e alteram a relação de cheios e vazios das fachadas.

Novos padrões de esquadrias criadas pelos moradores nos compartimentos voltados para as *loggias*, ainda que não se encontrem no plano da fachada, interferem visualmente na imagem do Conjunto. As esquadrias originais, detalhadas com grande apuro por Lucio Costa e pelos arquitetos europeus de sua equipe, deveriam ser mantidas.

Em relação às persianas instaladas nos vãos existentes nos painéis de brises, embora causem certa interferência na relação de cheios e vazios das fachadas, esses elementos parecem estar já incorporados ao modo de vida dos moradores e à história dos edifícios. Sua adoção em quase todos os apartamentos demonstra uma necessidade real dos habitantes, e não apenas uma questão de gosto pessoal. Os módulos da fachada preenchidos por brises correspondem internamente às *loggias* ligadas aos quartos dos apartamentos. Essas *loggias*, portanto, configuram-se como varandas íntimas, e as persianas têm função tanto de proteção contra a insolação quanto de anteparo, impedindo que os quartos fiquem devassados. É interessante

observar que fotos da década de 1960 já revelavam a adoção desse tipo de solução nas fachadas em alguns apartamentos.

A volumetria dos edifícios foi ainda alterada com a instalação de telhas de fibro-cimento nas lajes de cobertura – originalmente lajes planas impermeabilizadas – encobrendo parte dos volumes das caixas de escada e elevador, que originalmente destacavam-se na composição dos edifícios.

Grande parte do valor dos edifícios do Conjunto está relacionada à forma como Lucio Costa projetou as unidades habitacionais. Assim como nos outros exemplos de edifícios residenciais apresentados anteriormente, preservar apenas as fachadas dos edifícios do Parque Guinle significa perpetuar apenas parcialmente seu valor. Embora não seja viável preservar a totalidade de suas unidades habitacionais, nem seja desejável restringir a liberdade dos moradores, seria interessante que ao menos um dos apartamentos pudesse manter suas características originais e ser conservado como testemunho histórico do modo de morar segundo a perspectiva dos arquitetos modernos. No edifício Nova Cintra, uma das unidades apresenta-se ainda hoje muito próxima de seu estado original: pisos, revestimentos de parede, esquadrias, louças e metais originais foram mantidos por seus moradores, assim como as divisões internas (Figs. 19 e 20). Tendo em vista a importância dos edifícios, seria válido que ele pudesse ser mantido como testemunho do projeto de Lucio Costa e aberto à visitação.



Figura 19– Vista da sala com configuração original – edifício Nova Cintra
Arquivo do IPHAN

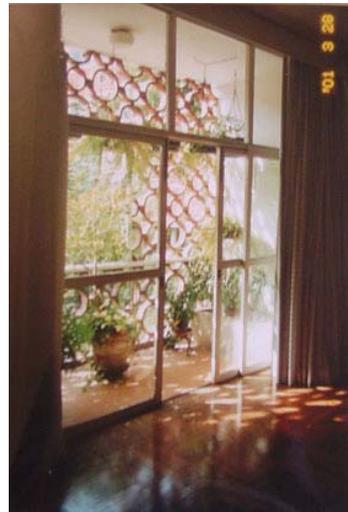


Figura 20 – Configuração original da loggia e esquadria - edifício Nova Cintra
Arquivo do IPHAN

Embora a primeira vista pareça inviável, a prática de transformar unidades habitacionais de edifícios do Movimento Moderno em apartamentos-museu e casas-museu tem se revelado cada vez mais comum.

Alguns exemplos internacionais

A **Unidade de Habitação de Marselha** foi a primeira unidade de habitação de Le Corbusier construída (a conclusão da obra se deu em 1952) e a de maior repercussão. Entre 1952 e 1959 os apartamentos do edifício foram vendidos a proprietários particulares.

As fachadas, o terraço e as partes comuns do edifício foram incluídos no inventário dos Monumentos Históricos da França em 1964. Em 1986 todas as áreas comuns e um dos apartamentos (nº 643, incluindo o mobiliário original projetado por Charlotte Perriand) foram declarados monumento histórico. Em 1995 um segundo apartamento (nº 50) foi inscrito, incluindo também os equipamentos de cozinha.

Como o tombamento do edifício não contempla o interior das unidades habitacionais (com exceção dos apartamentos citados), os moradores têm relativa liberdade para realizar modificações em seus apartamentos. Em compensação, as duas unidades tombadas mantêm sua configuração original e são abertas à visitação, permitindo que o público conheça o projeto original de Le Corbusier e vivencie estes espaços (Figs. 21 e 22).



Figura 21 – Interior do apartamento nº 50
TOULIER, 1999, p.120



Figura 22– Cozinha do apartamento nº 50
TOULIER, 1999, p.120

De fato, as Unidades de Habitação de Corbusier são muito valorizadas pela população local e por visitantes, fazendo parte do roteiro turístico das cidades onde foram construídas. Já em 1976, quando foi lançada a primeira versão da 'História da Arquitetura Moderna' de Benevolo, o autor destaca a importância do edifício de Marselha:

Assim, por diversos anos, o edifício funciona como um monumento, visitado a cada dia por trezentos espectadores pagantes; nele organizam-se exposições de pintura e congressos, e os guias turísticos o indicam desde logo como ville radieuse. (2004, p.682)

Os edifícios do **Conjunto Kiefhoek**, projetado por J.J.P.Oud em 1925, passaram por intervenções de restauração durante a década de 1990. Segundo os arquitetos responsáveis pelo projeto de restauração (Wytze Patijn, Katrien Overmeire e Olof Koekebakker), a primeira questão do projeto foi entender como atender aos padrões contemporâneos de moradia com o espaço disponível. Uma recuperação do conjunto seguindo o projeto original de Oud estava fora de cogitação desde o princípio, porque as dimensões dos cômodos não atendiam aos padrões contemporâneos e porque originalmente as unidades habitacionais não possuíam equipamentos essenciais, como chuveiros (PATIJN; OVERMEIRE, 1991).

Partindo dessas diretrizes os arquitetos optaram pela renovação dos interiores das unidades, preservando os elementos que consideravam mais importantes e que ainda se mostravam funcionais, e pela preservação do aspecto externo dos blocos (Fig. 23).

Foram criadas medidas para melhorar o conforto dos moradores, como adição de uma camada de isolamento térmico na cobertura e substituição das esquadrias por outras de mesmo desenho, porém com vidro duplo.

Uma das unidades habitacionais foi restaurada internamente seguindo o padrão original construído, e transformada em um museu-casa (Fig. 24). Todos os materiais e acabamentos (maçanetas, interruptores, louças de banheiro) são originais ou contemporâneos ao edifício. Como não havia registro do mobiliário original escolhido por Oud para as unidades (quando da construção do conjunto uma das unidades foi completamente mobiliada pelo arquiteto) foram selecionados móveis da época compatíveis com a linguagem adotada pelo arquiteto.



Figura 23– Vista externa do bloco do conjunto Kiefhoek restaurado

http://odin.let.rug.nl/CB/top100/zh/pics/rot_dek1.gif



Figura 24 – Vista interna da unidade transformada em museu

http://odin.let.rug.nl/CB/top100/zh/pics/rot_dek2.gif

O conjunto de edifícios remanescentes da **Exposição Werkbund de Viena** foi alvo de um grande projeto de restauração durante a década de 1980. Em 1932 todas as construções foram expostas ao público, completamente mobiliadas, durante dois meses. Com o fim da exposição 14 casas

foram vendidas e as demais foram alugadas aos poucos. Em 1939 a cidade de Viena comprou as casas (com exceção daquelas 14 que já possuíam proprietário) incorporando-as ao seu acervo de habitação social. Em 1945 seis edifícios do conjunto foram destruídos.

Ao final dos anos 1970 as casas apresentavam-se em condições de conservação bastante precárias. Todos os revestimentos externos encontravam-se degradados e o conjunto apresentava, segundo os arquitetos que desenvolveram o projeto de restauração (Kschanitz e Kapfinger) um aspecto desagradável de obsolescência devido à ação das intempéries e de uma manutenção insuficiente.

Em 1978, quando a administração municipal elaborou um plano de reestruturação da cidade, a *Werkbundsiedlung* foi declarada zona protegida⁹. Ao mesmo tempo a Agência Federal para a conservação dos Monumentos estendeu a proteção (que já havia sido concedida às edificações pertencentes ao município) às casas particulares.

Segundo os autores do projeto de restauração, a premissa inicial do projeto baseava-se na reconstituição do conjunto o máximo possível ao seu estado 'original'. Os próprios arquitetos, entretanto, afirmam que um completo *ripristino*¹⁰ não seria possível tecnicamente, financeiramente nem historicamente. Ao invés disso, os arquitetos optaram por uma proposta baseada no que denominaram "valorização diferenciada", que significava a introdução de elementos totalmente novos nos edifícios; de elementos para melhorias técnicas das unidades; a aceitação de algumas alterações que se revelaram necessárias; a eliminação de outras alterações; e a reconstrução de alguns elementos (KRISCHANITZ; KAPFINGER, 1986).

Como as obras de restauro deveriam ser realizadas sem obrigar os moradores a deixarem suas casas, não foi possível restaurar completamente todas as unidades. Nas casas ocupadas a restauração englobou apenas o invólucro externo e os elementos existentes nos jardins. O projeto, entretanto, sugeria que os interiores fossem sucessivamente recuperados na medida em que fossem trocados os inquilinos.

Os acréscimos construídos pelos moradores foram analisados criticamente, e aqueles que foram considerados soluções importantes sob o ponto de vista técnico e funcional foram mantidos, porém pintados em cores diferentes das edificações originais para que pudessem ser claramente distinguíveis. Em algumas casas haviam sido criadas pequenas marquises sobre as portas de acesso para proteção no caso de chuva ou neve. Na maioria dos casos essas intervenções causavam problemas de conservação à fachada, com o acúmulo de água entre a parede e a cobertura. Apesar dos problemas técnicos causados por esses acréscimos, os arquitetos consideraram que essa solução representava uma necessidade real dos moradores que não poderia ser ignorada apenas por questões estéticas. Foi projetado, então, um novo padrão de

⁹ Baseado no artigo 7 da Lei de Viena sobre Edificações.

¹⁰ O termo, bastante utilizado na Itália, significa refazer ou restabelecer partes de um edifício de forma idêntica à que possuía inicialmente (KUHLE, 1998).

cobertura tecnicamente aperfeiçoado e desenhado para adequar-se de maneira harmônica à linguagem das casas.

Em uma construção que originalmente abrigava o transformador da Exposição foi criado um pequeno museu que mantém uma exposição permanente com fotografias de época da Werkbundsiedlung e informações sobre a história dos edifícios. Estão expostas ainda maquetes que reproduzem os espaços internos das casas projetadas por Adolf Loos, Gerrit Rietveld e Josef Frank (Fig. 25)..



Figura 25 – Museu Werkbundsiedlung
<http://www.werkbundsiedlung.at.tf/>

A intervenção no conjunto levou em consideração as modificações dos moradores, que foram encaradas como acréscimos importantes para a sobrevivência dos edifícios e para sua história. A preocupação com a diferenciação entre o tecido original e as novas intervenções é uma iniciativa importante, por não tentar criar um falso histórico nem apagar parte da história do conjunto. A criação de um museu dentro do próprio conjunto deixa clara a preocupação com a relação entre o público e os edifícios. A história do conjunto, que já havia sido privilegiada pelo projeto de restauração, fica acessível ao público em geral.

Conclusão – considerações sobre a preservação de edifícios residenciais modernos

Os exemplos de intervenções nos edifícios residenciais apresentados revelaram alguns problemas específicos em relação à sua preservação, como a dificuldade em se restaurar os materiais originais (que algumas vezes não são mais fabricados ou não podem ser reproduzidos de maneira artesanal), a fragilidade dos edifícios e limitada resistência ao tempo devido às suas características tipológicas (como coberturas planas), e as grandes interferências que podem ser geradas mesmo com os menores acréscimos, devido à estreita ligação entre forma e função.

Por tratarem-se de edifícios de propriedade particular (excetuando-se aqueles administrados por órgãos governamentais), geralmente as intervenções realizadas ficam a cargo dos proprietários e moradores, que muitas vezes encaram os edifícios como bens de consumo e investimentos. Levando-se em consideração que mesmo ações de manutenção podem causar danos irreversíveis ao bem, torna-se fundamental o estabelecimento de critérios para preservação desses edifícios e a conscientização de moradores e usuários sobre a importância de sua preservação. Os projetos de restauração devem contemplar as modificações necessárias para que o edifício continue sendo funcional e atendendo às necessidades contemporâneas de seus moradores. Ao mesmo tempo, as alterações realizadas pelos moradores devem ser avaliadas de maneira crítica para que se possa selecionar quais intervenções, importantes para a história do edifício, devem ser mantidas.

Além das questões técnicas, existem ainda problemas de ordem cultural que tornam mais complexa a preservação desses edifícios: a dificuldade de seu reconhecimento como bens culturais. A divulgação restrita sobre a história desses edifícios e sobre suas características particulares contribuem para a dificuldade de atribuição de valor a esses edifícios pela sociedade. Segundo Menezes (1996, p.92)

sendo o universo da cultura um universo historicamente criado, os sentidos e valores que o sustentam precisam ser explicitados, declarados, propostos. Em outras palavras, os valores culturais não são espontâneos, não se impõem por si próprios. Não nascem com o indivíduo, não são produtos da natureza. Decorrem da ação social. As seleções e opções feitas pelos indivíduos e grupos, para serem socializadas e se transformarem em padrões, necessitam de mecanismos de identificação, enculturação, aceitação.

Sendo assim, ainda que o tombamento seja uma forma institucional de indicação de valor de um bem, ele não é suficiente para a conscientização da população sobre esse valor. Medidas de divulgação da história e da importância desses edifícios são fundamentais para que a preservação deixe de ser uma ação impositiva e passe a ser encarada pela sociedade como algo desejável.

Como observado em alguns dos exemplos apresentados, uma estratégia que vem sendo utilizada para aproximar o público da história dos edifícios tombados é a criação de apartamentos-museus, refletindo a importância da unidade habitacional como elemento gerador do projeto, segundo a concepção dos arquitetos modernos.

Os exemplos apresentados no trabalho deixam claro que, a menos que as iniciativas para preservação de edifícios residenciais do Movimento Moderno tenham grande aceitação tanto pelos órgãos de preservação quanto pela sociedade, elas estarão sempre sujeitas a um efeito limitado. Tendo em vista que esses edifícios permanecem em uso, sendo sua propriedade compartilhada, apenas através do reconhecimento da importância arquitetônica e histórica pelos seus usuários e pelo público em geral será possível mantê-los preservados, ainda que isso não signifique mantê-los inalterados.

Bibliografia:

- ACAYABA, M. M; Ficher, Sylvia. **Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo: Projetos Editores Associados, 1982.
- ALLAN, John. The conservation of modern buildings. In: MILLS, Edward D (Ed.). **Building maintenance and preservation: a guide for design and management**. 2ed rev. Oxford: Edward Mills, 1994, p.140-180.
- ANDREOLI, Elisabetta; FORTY, Adrian. **Arquitetura Moderna Brasileira**. Londres: Phaidon, 2004.
- BARDELLI, Pier Giovanni; DE CAROLI, Francesca. Le Corbusier Unite d'Habitation: techniques, strategies for restoration. In: II International Conference DOCOMOMO, 1992, Dessau. **Conference Proceedings...** Dessau: DOCOMOMO, 1992, p.181-187.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. 3ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da habitação social no Brasil**. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. 3ed. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Tradução Beatriz Mugayar Kühl. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- BRASIL. **Ofício nº 684/83 de 29 de dezembro de 1983**. Parque Hotel São Clemente e Conjunto Residencial do Parque Guinle – solicitação de tombamento. Rio de Janeiro: SPHAN, 1983.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- CAVALCANTI, Lauro (org.). **Quando o Brasil era moderno: guia de Arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- COMAS, C.E. Os Apartamentos do Parque Guinle e a cidade moderna brasileira. In: IV Seminário DOCOMOMO Brasil IV, Cataguazes, 2001 (comunicação oral).
- CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil – 1870-1950**. São Carlos: RiMa, 2004.115p.
- COSTA, Lucio. **Lúcio Costa: Registro de uma vivência**. 2ed. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a.
- DEBRES, Fernanda Jung. O Edifício Residencial e a Arquitetura Brasileira (1945/55). In: Seminário DOCOMOMO Brasil V, 2003, São Carlos. **Anais ...** São Carlos, 2003.CD.
- FLATS at Rio de Janeiro. **The Architectural Review**, Londres: nº 644, p.88-94, agosto, 1950.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GIEDION, Sigfried. **Espacio, Tiempo y Arquitectura** (el futuro de una nueva tradicion). Barcelona: Editorial Científico-Médica, 1958.
- GIULIANI, M. Vittoria; BUCCHIGNANI, Valeria. Preservation trough change: renovating modern architecture. **Journal of Architectural and Planning Research**, 17:1, p.34-46, primavera de 2000.
- GUERRA, Abílio. **Lucio Costa: modernidade e tradição – Montagem discursiva da arquitetura moderna brasileira**. 2002. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- HENKET, Hubert-Jan. 20th Century architecture requires a new conservation policy and approach. In: I International Conference DOCOMOMO, 1990, Eindhoven. **Conference Proceedings...**Eindhoven: DOCOMOMO, 1991, p.51-54.
- KRISCHANITZ, Adolf; KAPFINGER, Otto. Documentazione di un rinnovamento – La Werkbundsiedlung di Vienna. **Casabella**, Milão, nº 522, p.46-55, março. 1986.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação**. São Paulo: Ateliê Editorial/ Fapesp/ Secretaria de Cultura, 1998.
- MACDONALD, Susan (org.). **Modern matters**. Principles & practice in conserving recent architecture. Donhead: English Heritage / Donhead Publishing, 1996.
- MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, IPHAN, 2000.

NAME, Daniela. Poucos vestígios do autor. Prédio na Gamboa projetado pelo arquiteto foi deturpado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de julho de 2002. Segundo Caderno (Edição especial Os modernos de 100 anos), p.5.

OGATA, Ana Carolina. **O Parque Guinle e a construção da paisagem moderna no Brasil: um referencial de projeto para a ocupação de encostas**. Florianópolis: UFSC, 2004.(Relatório de pesquisa do CNPq)

PARQUE Eduardo Guinle. **Revista Municipal de Engenharia – PDF**, Rio de Janeiro, volume XV, nº 4, p.148-153, out-dez 1948.

PATIJN, Wytze; OVERMEIRE, Katrien. Restoration of the Kiefhoek in Rotterdam (J.J.P. Oud, 1925-30). In: I International Conference DOCOMOMO, 1990, Eindhoven. **Conference Proceedings...** Eindhoven: DOCOMOMO, 1991, p.282-286.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 26.712 de 11 de julho de 2006. Determina o tombamento provisório dos bens que menciona**. Disponível em: <http://doweb.rio.rj.gov.br/sdcgi-bin/om_isapi.dll?&softpage=_infomain&infobase=12072006.nfo> Acesso em 12 dez. 2006, 17:52:40.

SAMPAIO, Maria Ruth (org.). **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna, 1930-1964**. São Carlos: RiMa, 2002.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 / 1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, Helga Santos da. **Arquitetura moderna para habitação popular: a apropriação dos espaços no Conjunto Residencial Mendes de Moraes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TOULIER, Bernard. **Architecture et Patrimoine du XXe Siècle en France**. Paris: Editions du Patrimoine, 1999.

VAZ, Lilian Fessler. **Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro – Estudo da modernidade através da moradia**. 1994. Tese (Doutorado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pini: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: RIOARTE, 1991.